



# Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // [conceicao.freitas@correioweb.com.br](mailto:conceicao.freitas@correioweb.com.br) (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

## UTOPIA E TRAGÉDIA

Desde os primeiros tempos, as cidades que rodeavam o quadrado passaram a viver para o quadrado e a sobreviver às custas dele. Região esquecida ao longo dos séculos, essas terras só foram apresentadas ao país no final do século 19, com a Missão Cruls. O astrônomo desembarcou, de trem e a cavalo, com seu grupo de cientistas (botânicos, topógrafos, biólogos, engenheiros) nos confins do sertão goiano para produzir um documento que assombrou o Brasil à

época tamanho o desconhecimento sobre a região, tantas as riquezas igualmente desconhecidas.

Pois agora, mais de cem anos depois, o país descobre que ao redor do quadrado vivem dois milhões de almas esquecidas e abandonadas pelo Estado. E aonde o Estado não vai, vão os criminosos, vai o tráfico. Onde os 22 cientistas e ajudantes estiveram, equipados com teodolitos, lunetas, bússolas, instrumentos meteorológicos, máquinas fotográficas, podômetros, estarão agora os 130 homens da Força Nacional, com equipamentos bem menos nobres.

O que me faz lembrar uma expressão muito usada, há bastante tempo:

"solução de continuidade", que, nos ensina o Aurélio, significa: "separação das partes de um todo, divisão, interrupção, dissolução". Foi o que aconteceu no quadrado e na região que o acolhe desde seu surgimento, em 1956. Desde o concurso do Plano Piloto de Brasília já se previa um planejamento regional, que, como se vê, foi solenemente desprezado.

O planejamento de solução urbanísticas/sociais/econômicas para o entorno de Brasília e, por extensão, para a região ao redor do Distrito Federal, foi até motivo de intenso debate entre os participantes do concurso. Lucio Costa foi claro, claríssimo, como era seu estilo: "A liberação do

acesso ao concurso reduziu de certo modo a consulta àquilo que de fato importa, ou seja, à concepção urbanística da cidade propriamente dita, porque esta não será, no caso, uma decorrência do planejamento regional, mas a causa dele: a sua fundação é que dará ensejo ao ulterior desenvolvimento planejado da região".

Lucio Costa imaginava que o "ato deliberado de posse", o mítico sinal da cruz, cruzamento do Eixo Monumental com o Eixão, possuído de sentido "ainda desbravador, nos moldes da tradição colonial", esse gesto viril era o fundamental. Depois dele, depois de criado o núcleo fundador da nova capital, e portanto, da utopia, o

planejamento subsequente seria tão somente uma continuação da posse primeira.

Deu tudo errado, ou quase tudo. O Plano Piloto preserva (ainda) os princípios essenciais do sonho de Lucio Costa, e da arquitetura e do urbanismo modernos. O Estado tenta maquiagem as outras áreas de dentro do quadrado — as cidades ao redor do Plano. Porém, o que fica do lado de fora do DF é um infundável mar de degradação e miséria. Os dois milhões de almas que para cá vieram na esperança de usufruir de algum modo da riqueza da nova capital dela usufruem muito pouco, quase nada. A utopia virou tragédia.